

*À memória de
Maria de Lourdes Belchior Pontes*

Breve evocação

Conheci-a – a S.ra D. Maria de Lourdes, já que nunca a tratei por «S.ra Doutora» nem consegui desembrulhar a língua para a tratar, como tantas vezes me exigiu, por Maria de Lourdes – em 1957 quando, caloiro, me dava «aulas práticas» do Racine e do Voltaire que Jacinto do Prado Coelho expunha nas «aulas teóricas»... Nada tem que admirar que depois de a ouvir ler – ninguém há-de esquecer que as suas aulas eram, antes de mais, ensinar a ler, começando, evidentemente, por «ler bem» – algumas páginas da Phèdre de J. Racine, tenha ficado fascinado por esse «siècle galican et janséniste» que era, então, o seu. Viviam-se, nesses tempos, os últimos grandes momentos do interesse erudito pelo Barroco... e foi na sua sequência que elegeu a «Geração de 27» para nos falar – quer dizer ler – desse D. Luis, por essa geração «reabilitado» e celebrado, e do Lorca que nos fazia ouvir, antes de mais, pela voz de Germaine Montero... E se nos leu algo do poeta Juan de la Cruz, nunca nos falou no santo nem de Fr. António das Chagas... Este apenas o vim a conhecer quando, depois de várias peripécias à volta de uma dissertação de Licenciatura que ora girava em torno da Presença, ora em torno de L'Espoir, tive que me decidir – o imperativo é, aqui, involuntário – por D. Francisco Manuel de Melo... Nessa altura, e não apenas por conselho do Prof. Prado Coelho, impunha-se ouvi-la. E, escutando-a, julguei ter percebido, através de um leve «empurrãozinho» em forma de conselho para o futuro, quanto estaria disposta a apoiar-me caso, depois de D. Francisco, viesse a interessar-me pela parenética «barroca»... Só que eu não sabia – e, entre terrores de que tivesse eu que aflorar algum exemplo para que o o conselho prosseguisse, não lho confessei – o que era a parenética... Depois aprendi-o no seu Fr. António das Chagas.... E tive a sorte e o privilégio de, um pouco mais tarde, quando já tinha lido muitos sermões, encontrar Jean Dagens e Robert Ricard..., os seus mestres, mestres que, com ela, nunca poderei esquecer. Os conselhos epistolares do Prof. Silva Dias – hoje, espanto-me como, no meio de tanto trabalho e investigação, arranjasse tempo, depois de ter lido as notas que dediquei a Fr. Rodrigo de Deus, um nome que descobri em Fr. António das Chagas..., para me escrever e animar a prosseguir nesse caminho – foram muito mais tarde... Curiosamente, quando, já no Porto, teve que pôr-se a questão de escolher o assunto da minha dissertação de Doutoramento, estivemos de acordo em que os «frades», mesmo que santos, fossem «banidos»... e debruçamo-nos – ela com os seus conselhos e saber e eu com as minhas pesquisas – sobre a Corte na Aldeia... Era ainda o seu Rodrigues Lobo..., mas sabíamos que os frades, as freiras, os santos e os que

não o foram tanto, as devoções, os tratados de oração, etc., voltariam sempre e que a história da espiritualidade não poderia ser abandonada... E quando, em Paris, lhe comuniquei que, reservando a Corte na Aldeia para a prova complementar, iria, por conselho de Robert Ricard e Michel Darbord, desenvolver, para Doutorado, as minhas pesquisas sobre Gertrudes de Helfta, aplaudiu esta opção por uma tese que, abertamente centrada na história da espiritualidade, abordasse a «fortuna», em Espanha, de alguém que fora uma mística e uma santa... E, desde esta perspectiva, que estou em crer que para ambos, foi uma aposta – uma aposta de que ela foi adiando o desfecho, mas querendo continuar a jogar –, não deixa de ser curioso que os dois momentos em que colaboramos mais estreitamente tenham sido essa Antologia dos Espirituais Portugueses – que, depois de um desinteresse anunciado, acabou por aparecer com irritantes e irresponsáveis disfarces editoriais que, ao contrário do que pretendiam, não fizeram mais que evidenciar muitos dos seus anacronismos - e o artigo que, anos depois, redigimos para o Dictionnaire de Spiritualité... Coincidiu este último com o momento – umas vésperas de um «ano novo» – em que, à lareira, ela se me revelou poeta, ao ler – como só ela o sabia fazer – alguns poemas, ainda em cópia dactilografada, do que veio a ser Gramática do Mundo.

E, quando quisemos – os que nos reunimos com ela nessa Antologia como que em ensaio de trabalhos futuros – institucionalizar um grupo de investigação, foi ainda à sua volta que, uma vez mais, nos congregamos. Os projectos de projectos passaram sempre por ela e mesmo quando, durante anos, andávamos à procura dos meios e formas de convencer as Instituições – as que subsidiam a investigação e garantem a oficialidade – a «aceitar-nos», foi ainda o seu nome e o seu telefone que funcionaram generosa e empenhadamente... E, por isso, sempre manteve uma linha de investigação em aberto no nosso «Centro»..., ainda que – e honra lhe seja – com a má consciência de não colaborar mais assiduamente... Dessas faltas de colaboração que nunca foram um modo de se distanciar – e que, por tal, sempre pôde lhanamente suprir com o seu entusiasmo e apoio – mostrou-se-nos tantas vezes «arrependida» e, em prova, fazia novos projectos..., esboçava ciclos de conferências..., pedia colaboração..., comentava a Via Spiritus... Nos últimos tempos, depois de regressar de Paris – donde, ignorando que não trazia saúde, trouxe ânimo e coragem para, uma vez mais, apoiar os discípulos e os discípulos dos discípulos – queria que realizássemos uma série de conferências que divulgassem – no seu pleno sentido empregava a palavra – os resultados do nosso Centro e os nossos caminhos...

No fundo, talvez desejasse rever-se em alguns dos caminhos que tinham sido seus. Já não tivemos tempo de delinear sequer o que seria esse

ciclo, mas conservo a sua carta – a última que me escreveu – já que não posso fazer o mesmo aos seus telefonemas, em que o expunha... E pouco mais de uma semana antes de nos deixar ainda me dizia pensar poder vir ao Porto assistir ao colóquio que organizávamos, em fins de Maio, sobre Maria de Portugal, princesa da Parma... Ainda a esperamos, mas já não teve tempo de provar, com essa presença, a sua grande generosidade... E uma das formas preferidas da sua grande generosidade foi o saber estar presente. Não tenho qualquer pejo em confessar que, muitas vezes, dei comigo a perguntar também: «Porquê a ti?... Porque é que todos querem ver-te, ouvir-te, obedecer-te?», acabando sempre por me responder que a razão mais funda da atracção que exercia sobre todos nós era essa sua delicada solicitude por todos, que nela era quase como que o seu «mistério». Ou como ela o disse: «Dizemos almas por não sabermos dizer outra palavra / ignoramos tudo ou quase tudo de nós».

Como sempre afirmou, quis que o «Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade» fosse o herdeiro dos seus livros que dissessem respeito ou servissem à história da espiritualidade... Não o escreveu..., mas a sua família, sob a palavra dos seus amigos, quis, sem quaisquer dificuldades, cumprir a sua vontade, gesto que, por toda a sua dimensão, não sabemos como agradecer. Apenas posso registar publicamente, em nome de todos os que, de alguma forma, vão seguindo os seus caminhos, o nosso «muito obrigado». E a minha indizível saudade.

José Adriano de Freitas Carvalho

